

**POR RAFAEL BARISAUSKAS**

Economista Sênior na Fastmarkets e palestrante internacional, especializado nos mercados de celulose, papel e embalagens na América Latina. Com cerca de treze anos de experiência em commodities globais, incluindo quase sete na Fastmarkets, combina profundo conhecimento de mercado com análise econômica para orientar líderes do setor diante de dinâmicas complexas de comércio e precificação. Rafael é autor dos relatórios Latin American Paper Products Monitor e Latin America Pulp and Paper Forecast, além de coautor do Monthly Economic Commentary e Recovered Paper Monitor. Possui mestrado em Economia pela KU Leuven, onde focou em cadeias globais de valor. Baseado em São Paulo, também é professor de Cadeias Globais de Valor, Agronegócios e Economia na FECAP. Pode ser contatado pelo telefone (+55 11) 4858-0492 ou pelo e-mail: rbarisauskas@fastmarkerts.com

PAPEL E CELULOSE NO BRASIL EM 2026: AJUSTES, PRESSÃO E REORGANIZAÇÃO

O mercado brasileiro de papel e celulose começa 2026 com sinais mistos. De um lado, a normalização das exportações de proteína animal após os choques tarifários de 2025 que devolveu força à demanda por embalagens, sobretudo na cadeia de papelão ondulado atrelada à frigorífica. Do outro, a concorrência de importações asiáticas, especialmente no papel cartão, a volatilidade cambial e o custo elevado do crédito seguem limitando a recuperação do consumo doméstico, sendo desafios importantes para todos os setores de papel, incluindo aqui tissue e gráficos.

No nosso último Latin America Pulp & Paper Forecast, projetamos que a demanda total por produtos de papel no Brasil crescerá 0,8% em 2026, no agregado. O avanço será puxado, sobretudo, pelo segmento de embalagens, sustentado pela resiliência do consumo de alimentos e pela expansão da capacidade logística nos corredores de exportação. Já os segmentos de tissue, as margens apertadas seguem como o principal desafio para produtores, apesar da projeção de alta na demanda. No setor de papéis para impressão, a demanda secularmente estagnada (ou em ligeira queda), junto com margens apertadas, revela-se como desafio duplo.

O setor papelero também reflete uma tendência mais ampla de integração vertical. Empresas do setor, incluindo brasileiras, têm intensificado investimentos em ativos *downstream* à cadeia (plantas de conversão, centros logísticos, distribuição) buscando proteger margens e reduzir exposição a choques externos. A fusão entre Suzano e Kimberly-Clark é um exemplo claro de como os grandes *players* estão reorganizando suas cadeias de valor para ganhar escala e controle.

Além disso, o Brasil tem jogado sua própria partida no xadrez regional, a despeito dos movimentos globais. A integração com o Paraguai, via realocização de manufaturas em zonas francas, e com o Uruguai, em serviços logísticos e financeiros, mostra que a reorganização das cadeias de valor não é apenas uma resposta às pressões externas, mas também uma estratégia ativa de inserção regional e tentativa de melhoria na eficiência empresarial. Essa movimentação intralatio-americana adiciona resiliência e opcionalidade às operações do setor papelero, especialmente em um momento de fragmentação regulatória e incerteza geopolítica global.

A pressão por cadeias mais limpas e rastreáveis também começa a se refletir no setor. Fabricantes brasileiros que exportam para mercados exigentes, como os dos Estados Unidos e da Europa, estão sendo forçados a revisar seus processos e certificações, especialmente quanto à rastreabilidade de fibras, às emissões e à conformidade ambiental, apesar de mais um adiamento da EUDR. Isso tende a elevar os custos no curto prazo, mas também pode abrir espaço para contratos de longo prazo com menor risco de interrupção, desde que o País avance na previsibilidade regulatória e institucional.

Em um cenário de reconfiguração das cadeias globais, o setor de papel e celulose brasileiro tem espaço para crescer, mas precisará combinar eficiência operacional com capacidade de adaptação. A previsibilidade institucional, a diversificação de mercados e a capacidade de antecipar riscos regulatórios e comerciais serão os diferenciais de quem liderar a próxima fase do setor. O jogo está em andamento, e o Brasil tem peças importantes no tabuleiro. ■